

Texto distribuído através do site www.oficinadeteatro.com - Para montagem ou uso comercial, entrar em contato com o autor ou detentor dos direitos autorais através do telefone (31) 3221-4894 ou 9991-2232 ou pelo endereço luppiandres@hotmail.com

O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

Genero

DRAMA INFANTO JUVENIL

Autor

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

Adaptação teatral

LUCIANO LUPPI

Personagens

ZEZÉ

TOTUCA

GLÓRIA

JANDIRA

PAI

MÃE

TIO EDMUNDO

ARIOVALDO

PORTUGUÊS

PROFESSORA

D. MARIA DA PENHA

LUÍS

CORTINA FECHADA. CAI LUZ DA PLATÉIA. MÚSICA.

Voz de Zezé - (Off) A gente vinha de mãos dadas, sem pressa de nada pela rua. Totoca vinha me ensinando a vida. Mas ensinando as coisas fora de casa. Porque em casa eu aprendia descobrindo sozinho e fazendo sozinho, fazia errado e fazendo errado acabava sempre tomando umas palmadas. Até bem pouco tempo ninguém me batia. Se não estivesse na rua eu começava a cantar. Cantar era bonito. (Ao fundo ouve-se a introdução da música: “Marinheiro, Marinheiro”). Mas como eu não podia cantar por fora, fui cantando por dentro. (Ouve-se a voz de Zezé e da mãe cantando juntos). Eu estava me lembrando de uma música que mamãe cantava quando eu era bem pequenininho. (Começa abrir cortina lentamente). Era bonito quando ela cantava e eu ficava junto aprendendo...

CORTINA ABERTA. EXPLODE MÚSICA. TODO O ELENCO CANTA, ENQUANTO PREPARA O CENÁRIO E COLOCA OS ÚLTIMOS ADEREÇOS.

Todos — (Cantam)

Marinheiro, Marinheiro

Marinheiro de amargura

Por tua causa, Marinheiro

Vou baixar à sepultura...

As ondas batiam

E na areia rolavam

Lá se foi o Marinheiro

Que eu tanto amava...

O amor de Marinheiro

É amor de meia hora

O navio levanta o ferro

Marinheiro vai embora...

As ondas batiam...

FICAM ZEZÉ E TOTOCA DE MÃOS DADAS NO CENTRO DO PALCO. NUM LADO DO PALCO A CADEIRA DO TIO EDMUNDO, NO OUTRO LADO UMA JANELA AZUL E UM BANCO COMPRIDO. SOM DE ESTRADA MOVIMENTADA. TOTOCA CUTUCA ZEZÉ.

Totoca — Que é que você tem, Zezé?

Zezé — Nada. Tava cantando.

Totoca — Cantando?

Zezé — É.

Totoca — Então eu devo tá ficando surdo. (Pausa. Aponta a “estrada”). A gente primeiro olha bem. Pra um lado e depois prá outro. Agora!

CORREM E PARAM, AGITADOS.

Totoca — Teve medo? (Zezé quer dizer sim, mas faz “não” com a cabeça). Agora você está sozinho. Nada de medo que você já está ficando um homenzinho.

ZEZÉ VAI E VOLTA. NA VOLTA ABRE UM FOCO SOBRE A JANELA AZUL.

Totoca — É ali. Você gosta?

Zezé — Gosto. Mas porque a gente tem que mudar prá cá?

Totoca — É bom a gente sempre se mudar.

SENTAM-SE NO BANCO.

Zezé — Totoca, idade da razão pesa?

Totoca — Que besteira é essa?

Zezé — Rio Edmundo quem falou. Disse que eu era “precoce” e que ia entrar logo na idade da razão. E eu não sinto diferença.

Totoca — Tio Edmundo é um bobo. Vive metendo coisas na sua cabeça.

Zezé — Ele não é bobo. Ele é sábio. E quando eu crescer quero ser sábio e poeta e usar gravata de laço.

Totoca — Porque gravata de laço?

Zezé — Porque ninguém é poeta sem gravata de laço. Quando tio Edmundo me mostra retrato de poeta na revista, todos tem gravata de laço.

Totoca — Zezé, deixe de acreditar em tudo que ela fala pra você. Tio Edmundo é meio trongola. Meio mentiroso.

Zezé — Então ele é filho da puta?

Totoca — Olhe que você já apanhou na boca de tanto dizer palavrão. Tio Edmundo não é isso. Eu falei trongola. Meio maluco.

Zezé — Você falou que ele era mentiroso.

Totoca — Uma coisa nada tem a ver com a outra.

Zezé — Tem sim. Noutro dia papai conversava com seu Severino, aquele que joga escopa e manilha com ele e falou assim pro seu Labonne: “o filho da puta do velho mente prá burro”... E ninguém bateu na boca dele.

Totoca — Está bem, Zezé. Agora, não custava nada me contar como foi que você conseguiu “aquilo”...

Zezé — Juro, Totoca, que não sei. Não sei mesmo.

LUZ COMEÇA BAIXAR.

Totoca — Você está mentindo. Você estudou com alguém.

Zezé — Não estudei nada. Ninguém me ensinou. Só se foi o diabo que Jandira diz que é meu padrinho, que me ensinou dormindo...

ABRE LUZ NA CADEIRA DO RIO EDMUNDO. EM CENA TIO EDMUNDO E JANDIRA. ZEZÉ ATRAVESSA O PALCO E ENTRA EM FOCO.

Zezé — Titio.

Edmundo — Que é, meu filho.

ZEZÉ ABRAÇA O TIO.

Zezé — Isto não é pelo cavalinho. O que eu vou fazer é outra coisa: vou ler.

Edmundo — Você sabe ler, Zezé? Que história é essa? Quem ensinou?

Zezé — Ninguém.

Edmundo — Você está com lorotas.

Jandira — Olhe, Zezé, se você estiver me aprontando alguma, você vai ver.

Glória — (Entrando) Também quero ver.

Pai — (Entrando) Leia. Vamos.

Mãe — (Entrando) Eu só quero ver. Leia.

Totoca — (Entrando) Leia.

Zezé — (Lendo um jornal) “Esse produto se encontra em todas as Pharmácias e casas do ramo”.

GRANDE FESTA

Glória — Mamãe! Até pharmácia ela leu direitinho!

Mãe — Esse mundo tá perdido!

Edmundo — Você vai longe, peralta!

Zezé — (Depois de uma pausa). A semana que vem, o senhor acha que eu já cresci?...

EXPLODE MÚSICA. TODO O ELENCO CANTA. A PRIMEIRA ESTROFE É FORTE, DEPOIS A MÚSICA PROSSEGUE BAIXINHO. SIMULTANEAMENTE TODO E ELENCO PARTICIPA DA MUDANÇA DO CENÁRIO, RETIRANDO OS ELEMENTOS EXISTENTES, ENQUANTO ZEZÉ E LUÍS (EM OFF) BRINCAM DE “ZOOLOGICO”.

Todos — (Cantam)

Você sabe de onde eu venho

É de uma casinha que eu tenho

Fica junto de um pomar...

É uma casa pequenina

Lá no alto da colina

E se vê ao longe, o mar...

Entra a palmeiras bizarras

Cantam todas as cigarras

Ao por do ouro do sol.

Do beiral vê-se o horizonte.

No jardim canta uma fonte

E na fonte um rouxinol.

Zezé — (Off) Primeiro vamos comprar os bilhetes de entrada. Dê-me a mão que criança pode se perder nessa multidão. Viu como está cheio aos domingos.

Luís — (Off) E agora, Zezé, o que nós vamos visitar?

Zezé — (Off) Vamos passar nas jaulas dos macacos. Tio Edmundo diz sempre, os símios.

Luís — (Off) Eu queria era chegar logo nos leões.

Zezé — (Off) Não faz isso! Essa pantera negra é o terror do jardim . Ela veio para cá porque arrancou dezoito braços de domadores e comeu.

Luís — (Off) Ela veio do circo?

Zezé — (Off) Veio.

Luís — (Off) De que circo, Zezé?

Zezé — (Off) Ah; veio do circo Rozemberg.

Luís — (oOff) Mas lá não é padaria?

Zezé — (Off) É outro. É melhor a gente sentar e comer a merenda.

Glória — (Do palco) A gente devia aprender com ele, Lalá. Veja só a paciência que ele tem com o irmãozinho. Brincando de jardim zoológico no quintal. Ninguém fica com raiva dele na rua, por mais que pinte...

Luís — (Off) Zezé?

Zezé — (Off) Que é, Luís?

Luís — (Off) Como é que você sabe tanta coisa do Jardim Zoológico?

Zezé — (Off) Já visitei muitos na vida.

Jandira — (No palco) Mas você viu o que ele fez com o varal da Dona Celina? Estou só esperando ele acabar de brincar. Aqui ele não passa sem tomar umas chineladas.

Zezé — (Off) Ai, que criança perguntadeira. Quando você ficar maiorzinho eu ensino os bichos e o número dos bichos. Até o número vinte. Do número vinte até o número vinte e cinco, eu sei que tem vaca, touro, urso, veado e tigre. Não sei o lugar deles, mas vou aprender para não ensinar errado.

Mãe — (Off) É aqui!

GRITOS, EXCLAMAÇÕES DE SURPRESA. CAEM 3 FOCOS DE PINO EM TRES PONTOS DO PALCO. CESSA A MÚSICA. ENTRA GLÓRIA SOB UM FOCO.

Glória — (Abraçando uma árvore imaginária) A mangueira é minha! Peguei primeiro!

Totoca — (Mesma ação) E essa aqui é minha!

Zezé — (Perdido entre os focos) E eu, Godóia?

Glória — Corre. Lá no fundo. Deve ter mais árvores, bobo

Zezé — Não tem mais nada!

Glória — Você não gosta daquela? (Aponta um foco com pouca intensidade). Olha que é uma bela laranjeira.

ZEZÉ SENTA-SE SOB O FOCO, DESANIMADO.

Zezé - Mas eu queria um pé da árvore grandão.

Glória - Pense bem, Zezé, ele é novinho ainda. Vai ficar um baita pé de laranja. Ele vai crescer junto com você.

O FOCO AUMENTA A INTENSIDADE E ADQUIRE OUTRAS TONALIDADES.

Voz — (Off) Eu acho que sua irmã tem toda razão.

Zezé — Sempre todo mundo tem toda razão. Eu é que não tenho nunca.

Voz — (Off) Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo.

Zezé — (Off) Você fala mesmo?

Voz — (Off) não está me ouvindo?

Zezé — (Off) Por onde você fala?

Voz — (Off) Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver?

Feche os olhos e fique com os ouvidos bem abertos, que você escuta meu coração bater.

SOM DE BATIDAS DE CORAÇÃO, JUNTO COM MÚSICA QUE CRESCE,
LENTAMENTE.

Voz — (Off) Viu?

Zezé — Todo mundo sabe que você fala?

Voz — (Off) Não. Só você.

Zezé — Verdade?

Voz — (Off) Posso jurar. Uma fada me disse que quando um menininho igualzinho a você ficasse meu amigo, que eu ia falar e ser muito feliz.

Zezé — (Off) E você vai esperar?

Voz — (Off) O que?

Zezé — (Off) Até eu mudar. Vai demorar mais de uma semana. Será que você não vai se esquecer de falar nesse tempo?

Voz — (Off) Nunca mais. Isto é, para você só. Você quer ver como eu sou macio?

Zezé — Como é que...

Voz — (Off) Monte no meu galho, dê um balancinho e feche os olhos.

ZEZÉ FECHA OS OLHOS E BALANÇA O CORPO.

Voz — (Off) Que tal? Alguma vez na vida teve um cavalinho melhor?

Zezé — (Delirando) Nunca! É uma delícia! Até vou dar o meu cavalinho Raio de Luar para o Luís, meu irmão menor! Você vai gostar muito dele! Iuupiii!

MÚSICA CRESCE, JUNTO COM VOZES (EM OFF) DE GLÓRIA E TOTOCA.

Glória — (Off) Não falei, Zezé! Ela cresce junto com você!

Zezé — Agora eu não quero nada em troca da minha árvore! Godóia, sua mangueira é burrona! Totoca!

Totoca — (Off) O que é?

Zezé — O seu pé de tamarindo é um cocô! Iupii!

ZEZÉ GRITA E PULA DE ALEGRIA. CAI LUZ NO PALCO. EXPLODE O SOM DE UM SINO E MÚSICA NATALINA. ZEZÉ E LUÍS CAMINHAM APRESSADOS PELA PLATÉIA, ENQUANTO, NO PALCO, ESTÁ SENDO MONTADA UMA CEIA DE NATAL POBRE.

Zezé — Vamos, Luís, está pertinho. Tem muito brinquedo!

Luís - Estou cansado, Zezé.

Zezé - O seu "Coquinho" disse que era prá gente chegar cedo, que tinha muito brinquedo este ano. Vamos, depressa!

Luís - O meu sapato, Zezé!

Zezé - Êta, menino desajeitado. (Ajudando Luís a arrumar o sapato). O seu "Coquinho" disse que menino desmazelado não ganha Papai Noel. Agora, vamos, senão a gente não leva nada prá casa.

SAEM POR ALGUNS SEGUNDOS. NO PALCO O PAI, A MÃE, TOTOCA, GLÓRIA, JANDIRA E TIO EDMUNDO SENTAM-SE, SILENCIOSAMENTE, EM VOLTA DA MESA PARA CEIAR. TODOS ESTÃO TRISTES. ZEZÉ E LUÍS APARECEM, DESCONSOLADOS.

Zezé- Não faz mal, Luís. Você sabe o meu cavalinho Raio de Luar? Eu vou pedir a Totoca mudar o cabo dele e dar de papai Noel prá você.(Luís chora). Não faça isso, você é um rei. Papai disse que batizou você de Luís porque era um nome de um rei. E um rei não pode chorar na rua, perto dos outros, viu? Quando eu crescer vou comprar um carrão lindo daqueles cheio de presentes só prá você... mas não chore que um rei não chora. (Num esgar de choro). Juro que eu vou comprar! Nem que tenha que roubar e matar!

Luís — Zezé, você está chorando?

Zezé — Passa logo. E eu não sou um rei como você. Só sou uma coisa que não presta para nada, para nada... só isso...

ZEZÉ E LUÍS ENTRAM EM CENA E OCUPAM SEUS LUGARES. LUZ DE LAMPIÃO DOMINA A CENA. ZEZÉ OBSERVA. COMEÇAM A CEIAR EM SILÊNCIO. TOTOCA NÃO COME NADA. O PAI LEVANTA-SE, PEGA O CHAPÉU E SAI DE CENA. POUCO A POUCO TODOS SAEM. ZEZÉ FICA SOZINHO NA MESA. GLÓRIA APARECE.

Glória — Está na hora de criança ir para a cama.

A CENA DA CEIA É DESMONTADA ENQUANTO ZEZÉ PEGA O LAMPIÃO E DIRIGE-SE PARA OUTRO LADO DO PALCO ONDE ENCONTRA-SE TOTOCA COLOCANDO SEU PIJAMA.

Zezé — Tava boa a rabanada, não estava, Totoca?

Totoca — Nem sei. Não provei.

Zezé — Porque?

Totoca — Fiquei com uma coisa entalada no gogó que não passava nada. Vamos dormir, o sono faz a gente esquecer tudo.

ZEZÉ APAGA O LAMPIÃO E CARREGA SEUS SAPATOS PARA A FRENTE DO PALCO.

Totoca — Onde você vai?

Zezé — Vou botar meu tênis aqui.

Totoca — Não ponha não. É melhor.

Zezé — Quem sabe não vai acontecer um milagre. Eu queria um presente. Um só.

COLOCA OS SAPATOS SOB UM FOCO DE LUZ E AGUARDA. BLACK-OUT. GRITARIA DE CRIANÇA ENCHE O PALCO. LUZ EM ZEZÉ QUE PERMANECE DE PÉ EM FRENTE AOS SAPATOS. TOTOCA APARECE.

Totoca — Não falei?

Zezé — Como é ruim a gente ter pai pobre.

PAI APARECE POR TRÁS. OLHOS CHEIOS DE TRISTEZA E MÁGOA. FITA OS MENINOS POR ALGUNS INSTANTES E SAI.

Totoca — Você é ruim, Zezé. Ruim como cobra!

Zezé — Eu não vi que ele estava ali.

Totoca — Malvado! Sem coração. Papai está desempregado. Um dia você vai ser pai e vai saber o quanto dói uma hora dessas.

Zezé — Mas eu não vi... eu...

Totoca — Sai de perto de mim! Você não presta pra nada mesmo. Suma!

TOTOCA SAI.

Zezé - (Alto) Você vai ver, Totoca, eu vou trabalhar. Vou trabalhar muito. Vou engraxar todos os sapatos da cidade e vou comprar um presente pro papai. Você vai ver se eu não presto prá nada! Você vai ver só!

CAI LUZ. VOZ DE ZEZÉ GRITANDO.

Zezé - (Off) Graxa, patrão! Graxa prá ajudar o natal dos pobres! Graxa!...

PAI REAPARECE EM OUTRO LADO DO PALCO.

Pai - Zezé!

Zezé — Pai!

Pai — Onde você andou o dia todo?

Zezé — (Tirando do bolso o maço de cigarro) Veja, papai, comprei uma coisa linda para o senhor. O senhor gosta? Era a mais bonita. Pai abre o maço, cheira, sorri para Zezé, comovido.

Zezé — Fume um, papai.

Zezé acende o cigarro. Muita emoção.

Zezé — (Rebentando em lágrimas) Papai... papai.

Pai — (Abraçando-o) Não chore, meu filho. Você vai ter muito que chorar pela vida, se continuar um menino assim tão emotivo...

Zezé — Eu não queria, papai... Eu não queria dizer aquilo.

Pai — Eu sei. Eu sei. Não fiquei zangado porque no fundo você tinha razão.

Zezé — Sabe, quando o senhor quiser me bater nunca mais eu vou reclamar... Pode me bater mesmo.

Pai — Está bem. Está bem, Zezé. (Tempo. Zezé se refaz aos poucos) Glória guardou um pouco de salada de frutas para você. Vai, vai comer, vai.

MÚSICA. PAI SAI. ZEZÉ VIRA-SE BRUSCAMENTE E CORRE EM DIREÇÃO AO FOCO DO "PÉ DE LARANJA."

Zezé — Minguinho! Agora a gente vai viver sempre perto um do outro. Vou enfeitar você de tão bonito que nenhuma árvore pode chegar a seus pés. Olhe, tudo que eu souber, venho contar a você, tá? Ah, como foi que combinamos noutro dia que esse rio ia se chamar?

Voz — (Off) Amazonas.

Zezé — É mesmo. Amazonas. Ele lá prá baixo deve estar cheio de canoa de índio selvagem, não tá, Minguinho.

Voz — (Off) Nem me fale. Só pode estar mesmo.

TIO EDMUNDO ENTRA.

Tio Edmundo — Zezé, com quem você está falando?

Zezé — (Para o "pé de laranja lima") Psiu. O nosso acordo, hein! (Para o tio) Estou brincando, titio. Eu queria saber uma coisa muito importante.

Tio Edmundo — Pois então fale.

Zezé — O senhor é capaz de cantar sem estar cantando.

Tio Edmundo — Não estou entendendo bem.

Zezé — Assim, ó... (fica parado como se estivesse cantando só no "pensamento").

Tio Edmundo — Mas você está cantando, não está?

Zezé — Pois aí é que está. Eu posso fazer tudo isso por dentro sem cantar por fora.

Tio Edmundo — Ora, Zezé...

Zezé — Olhe, titio, quando eu era pequenininho eu achava que tinha um passarinho aqui dentro e que cantava. Era ele que cantava.

Tio Edmundo — Pois então. É uma maravilha que você tenha um passarinho assim.

Zezé — O senhor não entendeu. É que agora eu ando meio desconfiado com o passarinho. E quando eu falo e vejo por dentro?

Tio Edmundo — Vou explicar para você, Zezé. Sabe o que é isso? Isso significa que você está crescendo. E crescendo, essa coisa que você diz que fala e vê, chama-se o pensamento. O pensamento é que faz que aquilo que uma vez eu disse que você teria logo...

Zezé — A idade da razão?

Tio Edmundo — Ainda bem que você se lembra. Então acontece uma maravilha. O pensamento cresce, cresce e toma conta de toda a nossa cabeça e nosso coração. Vive em nossos olhos e em tudo que é pedaço da vida da gente.

Zezé — Sei. E o passarinho?

Tio Edmundo — O passarinho foi feito por Deus para ajudar as crianças a descobrirem as coisas. Depois então quando o menino não precisa mais, ele devolve o passarinho a Deus. E Deus coloca ele em outro menininho inteligente como você. Não é bonito?

Zezé — É. (Pausa) Titio! Eu estou tendo um pensamento!

Tio Edmundo — Então eu vou deixar você ficar sozinho com o seu pensamento. (Sai).

Zezé — Xuxuruca, vamos fazer uma coisa!

Voz — (Off) O que?

Zezé — Vamos esperar um pouco.

Voz — (Off) O que é que nós vamos esperar, Zezé?

Zezé — Que passe uma nuvem bem bonita no céu.

Voz — (Off) Prá que?

Zezé — Vou soltar o meu passarinho. Vou sim. Não preciso mais dele. Olha, Minguinho, aquela nuvem ali!

Voz — (Off) É uma nuvem muito bonita.

Zezé — (abrindo a camisa) Voa, meu passarinho. Bem alto. Vá subindo e pouse no dedo de Deus. Deus vai levar você para outro menininho e você vai cantar bonito como sempre cantou para mim. Adeus, meu passarinho lindo.

MUDANÇA NO FOCO DO "PÉ DA LARANJA". MÚSICA.

Voz — (Off) Olhe, Zezé. Ele pouse no dedo da nuvem.

Zezé — Eu vi. (Pausa) Eu nunca fui malvado com ele. (Pausa) Xuxuruca!

Voz — (Off) Que foi?

Zezé — Fica feio se eu chorar?

Voz — (Off) Nunca é feio chorar, bobo. Porque?

Zezé — Não sei, ainda não me acostumei. Parece que aqui dentro a minha gaiola ficou vazia demais...(Ouve-se o sino da escola) Minguinho!

Voz - (Off) O que é, Zezé.

Zezé - Eu vou estudar, vou entrar prá escola! Depois eu te conto!

ZEZÉ SAI CORRENDO. CAI LUZ. SOM DO SINO SAI LENTAMENTE. BLACK OUT. DURANTE O BLACK OUT OUVI-SE A VOZ DE ZEZÉ CONVERSANDO COM O "PÉ DE LARANJA".

Zezé — (Off) Aí, eles tocam um sino grande. Mas não é grande assim como da igreja. Você sabe, não é? Todo mundo entra no pátio grande e procura o lugar que tem a sua professora. (Abre lentamente o foco do "pé de laranja". Zezé já está em cena.) Bem aí ela faz a gente fazer fila de quatro e vai tudo que nem carneirinho para dentro da aula. A gente se senta

numa carteira que tem uma tampa que abre e fecha e guarda tudo dentro. Vou ter que aprender uma porção de hino, porque a professora disse que para ser bom brasileiro e patriota a gente tinha que saber o hino da nossa terra. Quando aprender eu canto, viu, Minguinho? Ah, eu vi que uma menina deu uma flor para a professora. Então, hoje, eu passei no jardim da casa do Serginho, peguei a flor mais bonita que tinha e coloquei no copo que estava em cima da mesa. Ah, outra coisa que eu ia esquecendo: hoje apanhei um morcego.

Voz — (Off) O tal Luciano que você disse que vinha morar aqui nos fundos?

Zezé — Não, bobinho. Morcego de andar. A gente pega os carros que passam bem devagar perto da escola e gruda no pneu que tem atrás. E vai viajando que é uma beleza. Quando chega na esquina que ele vai entrar, na paradinha para ver se vem outro carro a gente pula. Mas pula com cuidado. Porque se saltar na velocidade achata a bunda no chão e rala os braços. Pra você ter uma idéia de como é, é quase tão bom como andar a cavalo em você.

Voz — (Off) Mas comigo você não corre perigo.

Zezé — Não corro, é? E quando você galopa, que nem louco, pelas campinas do oeste quando a gente vai caçar búfalos? Esqueceu? Mas tem um, Minguinho. Tem um que ninguém teve coragem de pegar. Sabe qual é? Aquele carrão do português, Manuel Valadares. Você já viu nome mais feio do que este? Manuel Valadares...

Voz — (Off) É, sim. Mas eu estou pensando uma coisa.

Zezé — Pensa que não sei o que você está pensando? Sei, sim. Mas por enquanto não. Deixe eu treinar mais... depois eu arrisco.

MUDANÇA BRUSCA DE LUZ. LUZ NA MÃE EM OUTRO LADO DO PALCO. MÃE CANTAROLA UMA MÚSICA. ZEZÉ APROXIMA-SE.

Mãe — Muita arte hoje, Zezé?

Zezé — Pouquinho.

Mãe — Você está muito quieto. Até me ajudou a carregar a sacola, hoje, quando cheguei do trabalho. Você está querendo alguma coisa.

Zezé — Mamãe, a senhora gosta pelo menos um bocadinho de mim?

Mãe — Gosto de você como gosto dos outros. Por quê?

Zezé — Mamãe, a senhora conhece o Nardinho? Aquele que é sobrinho da Para Choca?

Mãe — Me lembro.

Zezé — Sabe, mamãe. A mãe dele fez um terninho para ele, lindo. É verde com risquinha branca. Tem um coletinho que abotoa no pescoço. Mas ficou pequeno para ele. E ele não tem irmão pequeno para aproveitar. E ele disse que queria vender... A senhora compra?

Mãe — Ih, meu filho! As coisas estão tão difíceis!

Zezé — Mas ele vende de duas vezes. E não é caro. Não paga nem o feitiço (tempo) Mãe, eu estou sendo o aluno mais estudioso da minha aula. A professora disse que vou ganhar distinção... Compre, mamãe. Eu não tenho uma roupinha nova faz muito tempo... (Tempo) Olhe, se não for esse, nunca vou ter minha roupa de poeta. Lá lá faz uma gravata assim de laço grande de um pedaço de seda que ela já tem...

Mãe — Está bem, meu filho. Eu vou fazer uma semana de serão e compro a sua roupinha.
ZEZÉ ABRAÇA A MÃE E SAI. MUDANÇA BRUSCA DE LUZ. EM OUTRO LADO DO PALCO ESTÁ A PROFESSORA SEGURANDO UMA FLOR. DIRIGE-SE À ZEZÉ.

Professora — Zezé! Quero falar com você. Espere um pouco.

Professora — Godofredo me contou uma coisa muito feia de você, Zezé. É verdade?

(Mostra a flor)

Zezé — Da flor?... É, sim senhora.

Professora — Como é que você faz?

Zezé — Levanto mais cedo e passo no jardim da casa do Serginho. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tanta que nem faz falta.

Professora — Sim. Mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um “furtinho”.

Zezé — Não é não, Dona Cecília. O mundo não é de Deus? Tudo que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também... só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro. E eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio. De vez em quando a senhora não me dá dinheiro para comprar um sonho recheado, não dá?...

Professora — poderia lhe dar todos os dias. Mas você some.

Zezé — Eu não podia aceitar todos os dias...

Professora — Porque?

Zezé — Porque tem outros meninos pobres que também não trazem merenda. A senhora não vê a corujinha?

Professora — Quem é a corujinha?

Zezé — É a Dorotília. Ela é mais pobre do que eu. E as outras meninas não gostam de brincar com ela porque ela é pretinha e pobre demais. Então ela fica no canto sempre. Eu divido o sonho que a senhora me dá, com ela. E senhora, de vez em quando, em vez de dar prá mim, podia dar prá ela. A mãe dela lava roupa e tem onze filhos. E eu divido o meu sonho porque mamãe ensinou que a gente deve dividir a pobreza da gente com quem é ainda mais pobre. (Professora limpa os olhos com um lenço, segurando o choro). Eu não queria fazer a senhora chorar. Eu prometo que não roubo mais flores e vou ser cada vez mais um aluno aplicado.

Professora — Não é isso, Zezé. Você vai prometer uma coisa, porque você tem um coração maravilhoso.

Zezé — Eu prometo, mas não quero enganar a senhora. Eu não tenho um coração maravilhoso. A senhora diz isso porque não me conhece em casa.

Professora — Não tem importância. Para mim você tem. De agora em diante não quero que você me traga mais flores. Você promete?

Zezé — Prometo, sim senhora. E o copo? Vai ficar sempre vazio?

PROFESSORA SEGURA A FLOR ENTRE AS MÃOS, CARINHOSAMENTE.

Professora — Aquele copo nunca vai ficar vazio. Quando eu olhar para ele vou sempre enxergar a flor mais linda do mundo. E vou pensar: quem me deu essa flor foi o melhor aluno. Está bem agora. Agora pode ir, coração de ouro...

MUDANÇA BRUSCA DE LUZ. EM CENA ESTÁ ARIIVALDO, O VENDEDOR DE FOLHETOS MUSICAIS, GRITANDO. ZEZÉ APROXIMA.

Ariovaldo — Se chegue, minha gente! As novidades do dia! Os sucessos da semana. Claudionor!... perdão... A última música do Chico Viola. O último sucesso de Vicente Celestino. Aprenda minha gente que é a última moda:

(Canta)

Eu fui a um samba lá no morro da Mangueira

Uma cabrocha me chamou de tal maneira...

Eu não vou lá, tenho medo de apanhar.

Seu marido é muito forte. É capaz de me matar...

Não vou fazer como fez o Claudionor

Para sustentar a família, foi bancar o estivador...

(Gritando) Folhetos de todos os preços, desde um tostão a quatrocentos réis. Sessenta cantigas novas. Os últimos tangos.

(Canta) Aproveitaste ela estar assim sozinha

E não ter tempo de chamar uma vizinha...

Apunhalaste sem ter dó nem compaixão

A pobre, pobre Fanny que tinha bom coração.

Por Deus eu juro que também hás de sofrer...

Numa cadeia eu hei de ver-te morrer

Apunhalaste sem ter dó nem compaixão

A pobre, pobre Fanny que tinha bom coração.

(Observando Zezé) Quer um, menino?

Zezé — Não, Senhor. Não tenho dinheiro.

Ariovaldo — Logo vi.

ARIOVALDO CAMINHA, CANTANDO. ZEZÉ ACOMPANHA ARIOVALDO, IMITANDO-O.

Ariovaldo — (Canta)

Tens no teu olhar a luz celestial que me faz crer

Ver uma irradiação de estrelas a brilhar no espaço sideral

Juro até por Deus, que mesmo lá nos céus não pode haver

Olhos que seduzam tanto quantos os teus...

Oh! Deixa que teus olhos fitem bem os meus pra recordar

A história triste de um amor nascido em ondas do luar

Olhos que dizem bem e sem poder falar o quanto é desditoso amar...

(Ariovaldo pára repentinamente).

Ariovaldo — Escuta aqui, pinéu. Você vai ou não deixar de me seguir?

Zezé — Não, senhor. Ninguém no mundo canta tão bonito como o senhor.

Ariovaldo — Mas você tá parecendo piolho-de-cobra.

Zezé — É que eu queria ver se o senhor cantava mesmo melhor do que Vicente Celestino e Chico Viola. E canta mesmo.

Ariovaldo — E você já ouviu eles, pinéu?

Zezé — Já, sim senhor. Numa vitrola na casa do filho do Dr. Aducto Luz.

Ariovaldo — Então é porque a vitrola era velha ou a agulha estava estragada.

Zezé — Não, senhor. Vitrola novinha que tinha acabado de chegar. É que o senhor canta mesmo muito melhor. Até eu estive pensando uma coisa.

Ariovaldo — Diga.

Zezé — Eu sigo o senhor o tempo todo. Bem. O senhor me ensina quanto custa cada folheto. Aí o senhor canta e eu vendo o folheto. Todo mundo gosta de comprar de criança.

Ariovaldo — Não é má idéia, pinéu. Mas me diga uma coisa. Você vai porque quer. Eu não posso lhe pagar nada.

Zezé — Mas eu não quero nada.

Ariovaldo — Então por que?

Zezé — É que eu gosto muito de cantar. Gosto de aprender. E acho que Fanny é a coisa mais linda do mundo. Agora se no fim o senhor vendesse muito mesmo, pegava um folheto velho que ninguém quisesse comprar, aí o senhor me dava para eu levar para a minha irmã. Eu tenho uma irmã mocinha chamada Glória e eu levava para ela. Só.

Ariovaldo — Está certo. Sabe, pinéu. Você está me dando sorte. Eu tenho uma fileira de menino buchudo e nunca tive a idéia de aproveitar um para me ajudar. Que idade você tem?

Zezé — Cinco. Seis... cinco.

Ariovaldo — Cinco ou seis?

Zezé — Ainda não fiz seis.

Ariovaldo — Pois você é um menino muito inteligente e bonzinho.

Zezé — Então quer dizer que terça feira que vem a gente se encontra?

Ariovaldo — Se você quiser.

Zezé — Quero sim. Mas vou ter que combinar com minha irmã. Ele vai entender. Até que é bom, porque para o outro lado da Estação eu nunca fui.

Ariovaldo — Como é que você sabe que eu vou para lá?

Zezé — Porque toda terça feira eu espero pelo senhor. Uma o senhor vem outra não. Então eu pensei que o senhor ia pro outro lado.

Ariovaldo — Mas que danadinho! Como é que você chama?

Zezé — Zezé.

Ariovaldo — Eu, Ariovaldo. Toque.

CUMPRIMENTAM-SE. ARIIVALDO SAI. ZEZÉ PERMANECE IMÓVEL. GLÓRIA ASSUME O LUGAR DE ARIIVALDO.

Glória — Mas, Zezé, um dia por semana? E as lições?

Zezé — (Mostrando o seu caderno) Olha as minhas notas. E na leitura, Godóia, eu sou o melhor. O que a gente está estudando demora ainda seis meses repetindo a mesma coisa. Até que aquela cambada de burro aprenda, vai tempo.

Glória — Que expressão, Zezé.

Zezé — Mesmo, Godóia, a gente aprende muito mais cantando. Quer ver quanta coisa nova eu aprendi? Veja: estivador, celestial, sideral e desditoso. Ainda por cima trago um folheto por semana, e ensino a você as coisas mais lindas do mundo.

Glória — É. Mas tem uma coisa, o que diremos a papai quando ele notar que toda terça-feira você não vem almoçar?

Zezé — Nem nota. Se uma vez perguntar, a gente mente. Você diz que eu fui almoçar com Dindinha. Que fui levar um recado para Nanzeazena e fiquei lá para almoçar.

Glória — Virgem Maria! Só você mesmo, Zezé.

GLÓRIA SAI. ZEZÉ VIRA-SE EM DIREÇÃO AO FOCO DO "PÉ DE LARANJA."

Zezé — Minguinho, essa aqui é nova. É a “malandrinha”. É assim, é:

ARIIVALDO, SOB UM FOCO DE LUZ, DO OUTRO LADO DO PALCO.

Ariovaldo — (Canta)

A lua vem surgindo cor de prata

No alto da montanha verdejante

E a lira do cantor em serenata

Acorda na janela a sua amante.

Ao som da melodia apaixonada

Nas cordas do sonoro violão

Confessa o seresteiro à sua amada

O que dentro lhe vai no coração.

(Faz uma pausa e um pequeno gesto para Zezé)

ZEZÉ, DO OUTRO LADO DO PALCO, COMPLETA:

Zezé — Ó linda imagem de mulher que me seduz

Ai se eu pudesse tu estarias num altar.

És imagem dos meus sonhos és a luz,

És malandrinha não precisas trabalhar...

ZEZÉ E ARIOVALDO CADA UM SOB UM FOCO DE LUZ, DIALOGAM:

Ariovaldo — Eu tive pensando, Zezé. De hoje em diante você pode ficar com os trocadinhos. Afinal nós agora somos é uma dupla.

Zezé — Que é dupla?

Ariovaldo — Quando duas pessoas cantam juntas.

Zezé — Eu sou mesmo dupla?

Ariovaldo — Agora é.

Zezé — Então o senhor deixa eu cantar a parte do coração da Fanny. O senhor canta forte e eu entro de coração com a voz mais doce do mundo.

ENTRA DONA MARIA DA PENHA COM UMA SOMBRINHA, AMEAÇADORA.

D. Maria — Muito bonito. Muito bonito mesmo uma criança cantar uma imoralidade dessas.

Ariovaldo — Dona, meu trabalho não tem nada de imoral. Qualquer trabalho é trabalho honesto e eu não me envergonho, sabe?

D. Maria — (Apontando Zezé) Essa criança é seu filho?

Ariovaldo — Não, senhora, infelizmente.

D. Maria — Seu parente? Sobrinho?

Ariovaldo — Nada de meu.

D. Maria — Que idade tem?

Ariovaldo — Seis anos.

D. Maria — O senhor não tem vergonha de explorar uma criancinha?

Ariovaldo — Não estou explorando coisa nenhuma, dona. Ele canta comigo porque quer e gosta, viu? Depois eu pago ele, não pago?

ZEZÉ RESPONDE “SIM” COM A CABEÇA.

D. Maria — Pois fique sabendo que eu vou tomar providências. Vou falar com o senhor padre, vou falar com o juizado de menores. Vou até a polícia!

ARIOVALDO BRINCA COM A PEIXEIRA.

Ariovaldo — Pois vá, dona. Mas vá logo. Eu sou muito bom mas tenho a mania de cortar língua de bruxa faladeira que se mete na vida alheia...

D. MARIA PROTEGENDO-SE COM A SOMBRINHA.

D. Maria — O senhor vai ver só!... (Saindo, apavorada) O senhor vai ver só!...

ARIOVALDO BATE O PÉ E LEVANTA A PEIXEIRA. D. MARIA FOGE.

Ariovaldo — Desapareça sua bruxa de croxoxó!...

ZEZÉ E ARIOVALDO CAEM NA GARGALHADA. JUNTAM-SE SOB O MESMO FOCO. RIEM.

Zezé — E ela vai fazer alguma coisa?

Ariovaldo — Vai nada. O máximo é conversar com o padre e o padre vai aconselhar: é melhor deixar, Dona Maria. Essa gente do Norte não é de brincadeira.

Zezé — Seu Ariovaldo? Que é bruxa de croxoxó?

Ariovaldo — E eu sei? Inventei na hora de raiva.

Zezé — E o senhor ia furar mesmo ela?

Ariovaldo — Nada. foi só para assustar.

Zezé — Se furasse ia sair tripa ou capim de boneca?

Ariovaldo — (Coça a cabeça) Quer saber de uma coisa, Zezé? Eu acho que saía era merda mesmo! (Riem)

Zezé - E a idéia do coração da Fanny

Ariovaldo - Não é má idéia, Zezé. Vamos lá. (Canta)

Aproveitaste ela estar assim sozinha

E não ter tempo de chamar uma vizinha...

Apunhalaste sem ter dó nem compaixão

Zezé — (Canta)

A pobre Fanny que tinha bom coração.

Os dois - (Cantam)

Por Deus eu juro que também hás de sofrer...

Numa cadeia eu hei de ver-te morrer.

Apunhalaste sem ter dó nem compaixão

A pobre, pobre Fanny que tinha bom coração.

CAI LUZ. A MÚSICA, EM OFF, SAI LENTAMENTE. ABRE FOCO DO "PÉ DE LARANJA."

Voz — (Off) Ninguém mesmo, Zezé?

Zezé — Ninguém mesmo. Ninguém tem coragem.

Voz — (Off) Mas você está doido para pegar uma, não?

Zezé — Que estou, estou mesmo. Eu acho que...

Voz — (Off) Que é que você acha?... Diga logo.

Zezé — Você é curioso que é danado.

Voz — (Off) Você me conta sempre; sempre acaba contando, não agüenta.

Zezé — Sabe de uma coisa, Minguinho? Eu saio de casa às sete horas, não é? Quando chego na esquina são sete e cinco. Pois bem, às sete e dez o Português pára o carro na esquina do botequim do Miséria e Fome e compra uma carteira de cigarro... Qualquer dia desses eu crio coragem e espero ele montar no carro e zás!...

SOM DE CARRO QUE PASSA.

Voz — (Off) Você não tem coragem.

Zezé — Não tenho, Minguinho? Você vai ver. É agora ou nunca, Minguinho!

ZEZÉ DISPARA EM DIREÇÃO À COXIA. VOLTA JUNTO COM PORTUGUÊS QUE PUXA SUA ORELHA.

Zezé — Ai! Português

Português — Então, moleque atrevido. Eras tu? Um pirralho desses com tal atrevimento! Pensas que eu não te observei todos os dias espiando o meu carro? Fala! Xinga! Porque não falas? (Zezé com lágrimas nos olhos. Português desafiando Zezé. Uma dose de compaixão) Então, por que tu não xingas, moleque?

Zezé — (Com revolta) Não falo agora, mas estou pensando. E quando eu crescer vou matar o senhor.

Português — Pois cresce, molecote. Eu cá te espero. Mas antes disso vou dar-te uma lição.

PORTUGUÊS DÁ UMA PALMADA NA BUNDA DE ZEZÉ. ZEZÉ GRITA.

PORTUGUÊS SAI. ZEZÉ ESFREGA A BUNDA.

Zezé — Filho da puta!...

ABRE FOCO DO "PÉ DE LARANJA".

Voz — (Off) Um dia você se vinga.

Zezé — Vou me vingar, sim. Vou pedir o revólver de Tom Mix e o Raio de Luar de Fred Thopson e vou armar uma armadilha com os índios Comanches; um dia trago a cabeleira dele pendurada na ponta de um bambu.

Voz — (Off) É... pois é isso mesmo.

Zezé — (Depois de uma pausa) Xuxuruca! Você se lembra que na semana passada eu ganhei de prêmio por ser bom aluno aquele livre de histórias “A rosa mágica”?

Voz — (Off) Lembro sim.

Zezé — Eu já li o livro. É a estória de um príncipe que ganhou de uma fada uma rosa vermelha e branca. E tinha um cavalo de ouro que saía viajando em, busca de aventura. Qualquer perigo ele sacudia a rosa mágica e aparecia uma fumaceira danada para salvar o príncipe. Eu achei a estória meio boba, sabe? Não é como as aventuras que eu quero ter na minha vida. Aventura mesmo tem Tom Mix e Buck Jones. E Fred Thompson e Richard Talmadge. Porque eles lutam como danados, dão tiros socos... Agora se qualquer um desses fosse puxando uma rosa mágica em cada perigo que viesse, não tinha graça nenhuma. Que é que você acha?

Voz — (Off) Acho meio sem graça também.

Zezé — Mas não é isso que eu quero saber. Eu quero saber se você acredita mesmo que uma rosa possa fazer mágica assim?

Voz — (Off) De fato é mesmo esquisito.

Zezé — Esse pessoal vai contando as coisas e pensa que criança acredita em tudo.

ENTRA LUÍS.

.....
Luís — Zezé, vamos brincar!

Zezé — Mas eu estou brincando. De que é que você quer brincar?

Luís — De Jardim Zoológico.

Zezé — É muito tarde. Os leões já foram dormir e os tigres de Bengala também. Já fecharam tudo. Não vendem mais entrada. Pera aí que eu vou pensar um brinquedo.

SOM DE VENTO AGITANDO AS FOLHAS DAS ÁRVORES. MÚSICA CRESCE, LENTAMENTE. MUDANÇA DE LUZ.

Zezé — Foi você quem fez isso, Minguinho?

Voz — (Off) Eu não.

Zezé — Ah! Então é o tempo do vento que está chegando! Viva! É tempo de papagaio! É tempo de vento! Vamos brincar, Minguinho!

O PALCO ADQUIRE UMA LUZ SUAVE. MÚSICA EXPLODE. GLÓRIA, JANDIRA, LALÁ E TOTOCA ENTRAM E, ENFEITAM O PALCO DE PAPAGAIOS, BANDEIRINHAS E FITAS. ZEZÉ CORRE DE UM LADO PARA OUTRO, GRITANDO, E AJUDANDO NA ARRUMAÇÃO.

Zezé — Vamos, cavalinho, vamos! Corre, corre!... Vamos, vamos, cavalinho! Corre cavalinho! A planície está cheia de búfalos. Vamos atirar, minha gente! Plaft, plaft, plaft!... teco, teco, teco!... fium, fium, fium!...

Luís — Zezé! Zezé!

Zezé — Que foi? Algum búfalo veio para o seu lado?

Luís — Não. Vamos brincar de outra coisa. Tem muito índio e estou com medo.

Zezé — Mas esses índios são Apaches. Todos são amigos.

Luís — Mas eu estou com medo. Tem muito índio.

Zezé - (Pisa em algo. Grita) Ái! Ái, ái, ái.

Luís - O que foi?

Zezé - Pisei num caco de vidro! Ái! Mas fica quieto, não conta prá ninguém.

ZEZÉ DISTANCIA-SE DO GRUPO E CAMINHA, MANCANDO. CRUZA COM PORTUGUÊS. MUDANÇA DE LUZ.

Português — Ó pirralho, machucaste o pé? Está te doendo muito? (Zezé pára) Pelo visto tu te machucaste muito, não? O que foi?

Zezé — Caco de vidro.

Português — Foi profundo? (Zezé faz gesto, mostrando o tamanho do talho). Ah, isso é grave. E porque não ficaste em casa?

Zezé — Ninguém sabe lá em casa que eu machuquei. Só o Luís. Se descobrissem ainda me batiam por cima para aprender a não machucar.

Português — Vem que eu te levo.

Zezé — Não senhor, obrigado.

Português — Mas por que?

Zezé — Todo mundo sabe o que aconteceu com a gente.

Português — Mas tu não podes caminhar assim. (Zezé baixa a cabeça. português, carinhosamente, ajoelha-se). Vamos esquecer umas coisas. Tu já andaste de carro?

Zezé — Nunca, não senhor.

Português — Então eu te levo.

Zezé — Não posso. Nós somos inimigos.

Português — Mesmo assim, eu não me importo. Se tu tens vergonha, eu te deixo em algum lugar onde não tem ninguém. Queres? (Zezé balança a cabeça afirmativamente) Assim está melhor, vê-se. Vamos.

CAI LUZ. SOM DE CARRO DANDO PARTIDA. ZEZÉ CONVERSA COM O "PÉ DE LARANJA".

Zezé — Aí ele me levou na farmácia e o Dr. Aducto me costurou de cima até em baixo e me aplicou uma tal antitetânica. Parecia que aquilo não ia acabar mais, mas acabou acabando. Sabe, Minguinho, eu já descobri tudo. Ele mora no fim da rua Barão de Capanema. Bem no finzinho. Ela guarda o carrão do lado da casa. Tem duas gaiolas, uma com um canário e outra com um azulão. Fui lá bem cedinho, como quem não quer nada, levando minha caixa de engraxate (com a caixa de engraxate na mão). Essa aqui mesmo. Eu ia com tanta vontade de ir, Minguinho, que nem senti minha caixa pesada dessa vez. Aí, olhei bem a casa e achei que era muito grande para uma pessoa viver sozinha. Ele estava do lado de fora da casa, sentado numa cadeira de balanço... e aí...

ZEZÉ BATE PALMAS. ABRE LUZ NUMA CADEIRA DE BALANÇO, ONDE ESTÁ SENTADO O PORTUGUÊS. FOCO DO "PÉ DA LARANJA" PERMANECE.

Zezé — (Aproxima-se) Quer engraxar?

Português — Ah, és tu? Aproxima-te, pirralho. E a tua aula?

Zezé — Hoje é feriado nacional. Por isso, saí engraxando para ganhar uns cobres.

Português — Queres tomar café?

ZEZÉ BALANÇA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE. PORTUGUÊS SAI. ZEZÉ VIRA-SE PARA O "PÉ DE LARANJA".

Zezé — Aí, Minguinho, ele trouxe café na xícara, e nós ficamos conversando, sabe... Que foi?

Voz — (Off) Nada. Estou escutando.

Zezé — Olhe, Minguinho, eu não gosto de discussões, mas se você está aborrecido é melhor falar logo.

Voz — (Off) É que você agora só brinca de Português e eu não posso brincar disso.

Zezé — Daqui a dois dias a gente se encontra com Buck Jones. Eu mandei um recado para ele pelo cacique Touro Sentado.

PORTUGUÊS VOLTA TRAZENDO CAFÉ.

Português — Onde é que a gente parou mesmo?

Zezé — Em molhar o café no pão.

Português — Café no pão, não, seu bobo. Pão no café.

Zezé — O senhor não se zanga se eu disser?

Português — Não. Entre amigos, não deve haver segredos...

Zezé — Eu não vim engraxando nada por aí.

Português — Eu sabia.

Zezé — Mas que queria tanto...

Português — Mas podias ter vindo sem carregar esse peso todo, não?

Zezé — É que indo trabalhar o povo lá em casa sabe que eu não estou fazendo arte. É melhor assim, porque não apanho tanto.

Português — Eu não acredito que sejas assim tão peralta como dizes.

Zezé — Eu não presto para nada. Sou muito ruim. Por isso é que o diabo nasce para mim no dia do natal e eu não ganho nada. Sou uma peste, um cachorro, um traste ordinário. Uma das minhas irmãs me disse que coisa ruim como eu não devia ter nascido. Sé essa semana já levei um punhado de surras. Também apanho pelo que não faço. Levo culpa de tudo. Já se acostumaram a me bater.

Português — Mas o que tu fazes de tão mal assim?

Zezé — Deve ser o diabo mesmo. Vem uma vontade de fazer, e... eu faço. Essa semana eu toquei fogo na cerca da nêga Eugênia. Chamei D. Cordélia de Pata-Choca. Chutei uma bola de pano e a burra entrou pela janela e quebrou o espelho grande de Dona Narcisa. Dei uma pedrada na cabeça do filho do seu Abel. Fiz o gato de Dona Rosena engolir uma bola de gude...

Português — (Segurando o riso) Chega, chega. (Pausa) Vamos dar uma volta?

Zezé — Eu tenho vergonha. Todo mundo vai rir de mim.

Português — Então combinamos o seguinte: quando passar alguém conhecido, tu te abaixas. Ninguém saberá da nossa amizade. É o nosso segredo. Combinado?

ZEZÉ BALANÇA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE. PORTUGUÊS PEGA DUAS VARAS DE PESCAR. MUDANÇA DE LUZ . SOM DO CARRO EM MOVIMENTO. OS DOIS CAMINHAM ATÉ O PROSCÊNIO E SENTAM-SE. SIMULAM UMA PESCARIA.

Português — Gostastes assim de passear em nosso carro?

Zezé — Ele também é meu?

Português — Tudo que é meu é teu. Como dois grandes amigos.

Zezé — Quer dizer agora que somos completamente amigos?

Português — Somos. E eu quero te perguntar uma coisa. Posso?

Zezé — Pode, sim senhor.

Português — Agora não vais querer, penso cá comigo, cresceres logo para me matares?

Zezé — Não. Nunca faria isso. Disse isso quando estava com raiva. Eu nunca vou matar ninguém porque quando matam galinha lá em casa, eu nem gosto de ver. Depois eu descobri que o senhor não era antropófago nem nada.

Português — (Estourando de gargalhada) Que disseste?

Zezé — Antropófago mesmo.

Português — E sabes lá o que é isso?

Zezé — Sei. Tio Edmundo me ensinou. Ele é um sábio.

Português — Tens uma cabecinha doida, pirralho. Às vezes eu até me assusto. Diga lá, que idade tu tens?

Zezé — De mentira ou de verdade?

Português — De verdade, é claro. Não quero ter um amigo mentiroso.

Zezé — É assim: de verdade eu tenho ainda cinco anos. De mentira seis. Porque senão não podia entrar na escola.

Português — Porque te puseram tão cedo na escola?

Zezé — Todo mundo queria se ver livre de mim durante umas horas.

Português — És um menino muito complicado, mas confesso que estás enchendo de alegria o velho coração de um português. Lá isso estás. Vamos embora?

Zezé — Está tão bom. Só um bocadinho mais. Eu preciso falar uma coisa muito séria.

Português — Então, fala.

Zezé — É que...

Português — Vamos, empacaste? Não és disso...

Zezé — Não fica zangado?

Português — Garanto.

Zezé — Tem duas coisas na nossa amizade que eu não gosto.

Português — Quais são?

Zezé — Primeiro, se nós somos dois amigos, como é que eu tenho que chamar senhor prá lá, senhor prá cá...

Português — Pois me trata como quiseres. Por você, por tu...

Zezé — Melhor você. Quando vou falar de tu, não acerto. Sou capaz de repetir todas as conversas nossa para Minguinho. Mas quando entra o tal de tu... ih!...

Português — Quem é esse Minguinho que eu nunca vi falar?

Zezé — É o Xuxuruca. O meu pé de laranja lima. Ele fala comigo, vira cavalo, sai com a gente. Com Buck Jones, com Tom Mix...

Português — Eu estou ficando tonto com esse mundo que existe na tua cabecinha. E a outra coisa?

Zezé — A outra coisa é mais difícil ainda. Mas já que falei de “você” e você não se zangou... Eu não gosto muito do seu nome. Não é que não goste, mas entre amigos fica muito...

Português — Virgem Santíssima, o que virá agora?

Zezé — Acha que eu posso chamar você de Valadares?

Português — De fato, não soa bem.

Zezé — De Manuel, eu também não gosto. Você nem pode saber como eu fico fulo quando papai conta anedotas de português e fala: Ó Manuele... Se vê logo que o filho da mãe nunca teve um amigo português...

Português — Que acabastes de falar? Uma coisa tão feia...

Zezé — Filho da mãe é tão feio como o outro filho?

Português — Quase a mesma coisa. E então, que conclusão tirastes? Não me queres chamar de Valadares nem de Manuel.

Zezé — Tem um nome que eu acho lindo.

Português — Qual?

Zezé — Como os outros chamam você na confeitaria...

Português — Sabes que és o maior atrevidaço que eu conheço. Queres me chamar de Portuga, não é assim?

Zezé — Fica mais de amigo.

Português — É tudo quanto desejas? Pois bem. Eu to permito. Agora, vamos. Corre prá subir na traseira do carro! Vou contar até dez: um, dois...

ZEZÉ CORRE. PÁRA BRUSCAMENTE NO MEIO DO CAMINHO.

Zezé — Portuga! Eu nunca mais quero sair de perto de você!

Português - Por que?

Zezé — Porque você é a melhor pessoa do mundo! Ninguém judia de mim quando estou com você!

ZEZÉ SAI. PORTUGUÊS SORRI, FELIZ. CAI LUZ LENTAMENTE. ABRE LUZ EM OUTRO PONTO DO PALCO. ZEZÉ E TOTOCA FAZENDO UM BALÃO. JANDIRA E GLÓRIA ESTENDENDO ROUPA NO VARAL.

Totoca — Você dobra aqui. Agora corta com a faca o papel bem na dobra. Agora cole bem de fininho deixando essa margem. Sé depois de bem seco que a gente faz a boca. Aprendeu, seu burrinho?

Zezé — Aprendi.

TOTOCA COLOCA O BALÃO PENDURADO NO VARAL.

Jandira — Vocês dois andem depressa que já já a mesa está pronta. (Sai)

Totoca - (Explicando) Balão-tangerina a gente só deve fazer depois de muita prática; no começo você deve fazer de dois gomos que é mais fácil.

Zezé — Totoca, seu eu fizer um balão sozinho, você bota a boca pra mim?

Totoca — Depende.

Zezé — Puxa, Totoca, quando você me pede eu até brigo por você.

Totoca — Está bem. A primeira eu faço de graça e se você não aprender, as outras só na base da troca.

Zezé — Está certo. Opa! (sai correndo)

Jandira - (Off) Zezé! Totoca! Glória! O almoço está na mesa! Venham logo, senão vai ter!

Totoca — (À Glória) A diaba da Jandira está de mau humor. Deve ter brigado com um dos seus namorados. Ou o da ponta da rua ou o do começo. (Sai correndo)

Glória — E Zezé? Onde é que foi se meter?

Zezé — (Entrando com dois pedaços de papel de seda e uma latinha de grude) Godóia, olha só!

Glória — Pra que isso, Zezé. Papagaio?

Zezé — Eu vou fazer o meu primeiro balão. Vendi seis bolinhas e doze figurinhas para o Biriquinho pra comprar isso. Quero que o meu primeiro balão seja o balão mais bonito do mundo.

Jandira — (Off) Zezé! Glória!

Glória — Então deixa isso para depois do almoço que Jandira está hoje uma pilha. (sai)

Zezé — Já vou, já vou. (Começa a cortar o papel e fala para o pé de Laranja) Você vai ver, Minguinho. Zezé vai fazer uma coisa difícilima. Quando você crescer eu lhe ensino sem cobrar nada.

Jandira — (Off) Zezé!

Zezé — Já vou já!

Jandira — (Entrando) Pensa que sou sua empregada? Venha comer logo!

Zezé — Não almoço, não almoço. Eu quero é acabar o meu balão.

Jandira — Pois nós vamos acabar com isso de uma vez. (Rasga o balão de Zezé) Quando eu falo é para obedecer.

Zezé — Sabe o que você é? É uma puta!

Jandira — (Cara a cara com Zezé) Repete se você tem coragem.

Zezé — Pu-ta! (Jandira dá uma surra em zezé. Ele grita. Os outros aparecem). Puta! Puta!

Filha de uma puta! Mata, assassina! A cadeia está aí para me vingar! Puta! Filha da puta!

Totoca — Cala a boca, Zezé, você não pode xingar assim a sua irmã.

Zezé — Ele é uma puta. Assassina. Filha de uma puta!

TOTOCA COMEÇA A BATER NA BOCA DE ZEZÉ. PANCADARIA. GLÓRIA INTERVÊM.

Glória — (Separando Zezé) Um dia vocês matam essa criança e eu quero ver! Vocês são uns monstros sem coração. (À Totoca) Sai pra lá, seu covarde!

Totoca — Você não ouviu o que ele estava xingando?

Glória — Ele não estava fazendo nada. Quando eu saí ele estava quietinho fazendo o seu balão. Veja o que você faz, seu medroso. Quando você quer brigar, tem medo e chama ele. Seu cagão! Com nove anos e ainda mijá na cama. Eu vou mostrar pra todo mundo o seu colchão e suas calças mijadas que você esconde na gaveta. Saí daqui. (Todos se retiram. Ficam Glória e Zezé, este estendido sobre o seu colo). Dói, Gum?

Zezé — Dessa vez está doendo muito.

Glória — Eu faço bem de leve, meu diabinho querido.

Zezé — Você viu, Godóia. Eu não estava fazendo nada. Quando eu mereço eu não me importo de apanhar. O mais triste foi o meu balão. Estava ficando tão lindo.

Glória — Eu acredito. Mas não faz mal. Amanhã a gente vai a casa de Dindinha e compra papel de seda. Eu vou ajudar você. Vai ser tão bonito que as estrelas vão ficar com inveja.

Zezé — Não adianta, Godóia. A gente só faz um primeiro balão bonito. Quando este não presta, nunca mais acerta ou tem vontade de fazer.

Glória — Um dia... um dia... eu vou levar você para longe dessa casa. A gente vai morar... (compassiva) eu levo você para morar no rancho de Tom Mix ou Buck Jones.

Zezé — Mas eu gosto ainda mais de Fred Thompson.

Glória — Pois nós vamos para lá.

ABRAÇADOS, COMEÇAM A CHORAR JUNTOS E BAIXINHO. MÚSICA. PAI ENTRA E OBSERVA. ZEZÉ COMEÇA A CANTAR BAIXINHO.

Zezé — Eu quero uma mulher bem nua

Bem nua eu a quero ter...

De noite no clarão da lua

Eu quero o corpo da mulher...

Pai — Zezé! Que é que você está cantando?

Zezé — (Sem se mover) Eu quero uma mulher bem nua...

Pai — Quem ensinou essa música a você?

Zezé — Foi seu Ariovaldo.

Pai — Eu já disse que não queria que andasse na sua companhia. Repita de novo a canção
PAI TIRA O CINTO.

Zezé — (Na mesma posição) Eu quero uma mulher bem nua... (Zezé recebe uma chicotada. Glória agarra Zezé e recebe também. Zezé chorando, continua.) Eu quero uma mulher bem nua...

OUTRA CHICOTADA.

Zezé — Eu quero uma mulher bem...

OUTRA CHICOTADA.

Pai — Vamos continua a cantar!

Zezé — Eu quero uma mulher... (Outra chicotada) Assassino!... Mata de uma vez! A cadeia está aí para vingar!

MAIS CHICOTADAS. GLÓRIA SEGURA A MÃO DO PAI.

Glória — Papai. Pelo amor de Deus, me bata, mas não bata mais nessa criança!

Pai — (Desconsertado) Eu perdi a cabeça. Pensei que ele estava caçoando de mim. Fazendo pouco caso.

PAI SAI.

Zezé — Eu não devia ter nascido. Devia ter sido como o meu balão.

ZEZÉ TRISTE, OLHA PARA O ALTO, CONTEMPLA O CÉU. FECHA OS OLHOS.
MÚSICA. LUZ ADQUIRE CONTORNOS SUAVES. PORTUGUÊS ENTRA
CARREGANDO UMA CESTA DE PIQUENIQUE. ZEZÉ ABRE OS OLHOS,
ESTUPEFATO.

Zezé — Que lindo! Que lugar mais lindo! Quando me encontrar com Buck Jones vou dizer que as campinas e as planícies dele, nem chegam aos pés do nosso lugar.

Português — Assim é que eu quero te ver sempre. Vivendo os belos sonhos e não com caraminholas na cabeça.

Zezé — Você vem sempre aqui sozinho, Portuga?

Português — Quase sempre. E eu também tenho uma árvore.

Zezé — Como é que ela se chama, Portuga? Quem tem uma árvore tão grande assim tem que batizar ela.

Português — É um segredo meu, mas vou te contar. Chama-se rainha Carlota.

Zezé — E ela fala com você?

Português — Falar não fala. Porque uma rainha nunca fala diretamente com seus súditos.

Zezé — Que que é súditos?

Português — É o povo que obedece o que a rainha manda.

Zezé — E eu vou ser súdito seu?

Português — (Rindo) Não, porque eu não sou rei e não mando nada.

Zezé — Mas você podia ser rei. Você tem tudo para ser rei. Todo rei é gordo como você. O rei de copas, o de espadas, o de paus e o de ouros. Todos os reis do baralho são bonitos como você, Portuga.

MÚSICA. ZEZÉ MOVIMENTA-SE POR TODO O PALCO ENQUANTO PORTUGUÊS APARENTEMENTE TIRA UMA SONECA.

Zezé — E quando eu vejo esse rio eu lembro de Glória:

EM OFF, VOZ DE GLÓRIA DECLAMANDO O POEMA.

Glória — (Off)

“Deixa-me fonte, dizia

A flor a chorar

Eu não fui nascida no monte

Não me leves para o mar.

Ai balanço dos meus galhos...”

ZEZÉ TIRA A TOALHA DO PIQUENIQUE E SE VESTE COMO SE FOSSE UM PERSONAGEM.

Zezé — Majestade, seu súdito o cavaleiro Manuel Valadares é o maior guerreiro da nação Pinagé... e eu quero aproveitar a ocasião para lhe dizer que o cavaleiro o Manuel Valadares está apaixonado pela senhora e pede sua mão em sacramento.

MARCHA NUPCIAL. ZEZÉ ENVOLVE PORTUGUÊS COM GUARDANAPOS E OUTROS ADEREÇOS. DANÇA À SUA VOLTA. DE REPENTE, PÁRA E OBSERVA-O.

Zezé — Portuga! Você está dormindo?

Português — Não.

Zezé — É verdade aquilo que você disse a seu Ladislau, na confeitaria?

Português — Ora, tantas coisas eu tenho dito a seu Ladislau.

Zezé — A meu respeito. Eu ouvi. Do carro eu ouvi.

Português — É o que ouviste?

Zezé — Que você gosta muito de mim?

Português — Está claro que gosto de ti. Que diferença faz?

Zezé — Não, mas eu quero saber com força se você gosta mesmo de mim?

Português — Claro, bobinho.

Zezé — Eu estive pensando seriamente. Você só tem aquela filha casada, não é?

Português — É.

Zezé — Você mora sozinho naquela casa com as duas gaiolas de passarinho, não é?

Português — É.

Zezé — Você disse que não tem netos, não é?

Português — É.

Zezé — E você disse que gosta de mim, não é?

Português — É.

Zezé — Então porque você não vai lá em casa e não pede para papai me dar para você?

Português — (Emocionado, apertando Zezé) Tu gostarias de ser meu filhinho?

Zezé — A gente não pede o pai antes de nascer. Mas se eu pudesse eu queria você.

Português — Verdade, pirralho?

Zezé — Posso até jurar. Depois, eu seria uma pessoa a menos para comer. Eu prometo que não falo mais palavrões, nem bunda mesmo. Eu engraxo os seus sapatos, trato dos passarinhos na gaiola. Fico bonzinho de todo. Não vai haver melhor aluno na escola. Faço tudo, tudo direitinho. Lá em cada todo mundo morre de alegria se eu for dado. Vai ser um alívio. Eu tenho uma irmã entre Glória e Antônio que foi dada pro norte. Foi viver com uma prima, que é rica, para estudar e ser gente... (Português estaca, chorando). Se não quiserem dar, você compra. Papai está sem dinheiro nenhum. Garanto que ele me vende. Se pedir muito caro você pode me comprar a prestações, do jeito que seu Jacob vende... Sabe, Portuga, se você não me quer, não faz mal. Eu não queria fazer você chorar...

Português — Não é isso, meu filho. Não é isso. A vida a gente não resolve assim de uma só manobra. Mas eu vou te propor uma coisa. Não poderei tirar-te dos teus pais nem da tua casa. Se bem que gostasse muito de o fazer. Mas isso não é direito. Mas de agora em diante, eu que gostava de ti como filhinho, vou te tratar como se fosses mesmo o meu filho.

Zezé — Verdade, Portuga?

Português — Posso até jurar, como tu sempre dizes.

ZEZÉ BEIJA PORTUGUÊS. CAI LUZ. ZEZÉ CONVERSA COM O "PÉ DE LARANJA."

Voz - (Off) Verdade mesmo, Zezé? E o seu pai?

Zezé — É verdade, Xuxuruca, depois disso meu pai ficou todo coruja. Tudo que eu faço ele acha bonito. Mas acha bonito diferente. Não é como os outros que falam: esse menino vai longe. Vai longe mas a gente nunca sai de Bangu.

Totoca — (Entrando) Zezé, você quer me emprestar quatrocentos réis?

Zezé — Não.

Totoca — Mas você tem, não tem?

Zezé — Tenho.

Totoca — E diz que não empresta sem saber para que?

Zezé — Vou ficar riquíssimo para poder viajar para Trás-os-Montes (Diz imitando o sotaque do Português).

Totoca — Que maluquice é essa?

Zezé — Não conto.

Totoca — Pois engula.

Zezé — Engulo e não empresto os quatrocentos réis.

Totoca — Você é rato, tem pontaria. Amanhã você joga e ganha mais bolas para vender. Num instante recupera os quatrocentos réis.

Zezé — Mesmo assim eu não empresto e não venha brigar que eu estou bonzinho, sem mexer com ninguém.

Totoca — Puxa, Zezé, quantas vezes que a gente sai engraxando e você não faz nada, eu divido. Quantas vezes que você está cansado e eu trago a sua caixa de engraxate... E olha, se você me emprestar eu conto duas coisas maravilhosas.

Zezé — O que?

Totoca — Eu digo que o seu pé de Laranja Lima é muito mais bonito do que o meu pé de tamarindo.

Zezé — Você diz mesmo?

Totoca — Já disse.

Zezé — (Metendo as mãos no bolso e sacudindo as moedas) E as outras?

Totoca — Sabe, Zezé, a nossa miséria vai se acabar: papai arranhou um lugar de gerente na fábrica de Santo Aleixo. Nós vamos ser ricos de novo. (Reação de Zezé) Ué! Você não ficou contente?

Zezé — Fiquei sim, por papai. Mas eu não quero sair de Bangu. Vou ficar morando com Dindinha. Daqui só saio para Trás-os-Montes...

Totoca — Sei. Você prefere ficar com Dindinha e tomar purgante todos os meses do que ir com a gente?

Zezé — Prefiro. Você nunca vai saber porque... E a outra coisa?

Totoca — Não posso falar aqui. Tem “alguém” que não pode ouvir. (Totoca leva Zezé até o centro do palco. Fecha luz neles) Preciso avisar você, Zezé. Para você ir se acostumando. A prefeitura vai alargar as ruas. Vai aterrar todos os valões e avançar no fundo de todos os quintais.

Zezé — Que que tem isso?

Totoca — Você que é tão inteligente não entendeu? É que aumentando as ruas ela vai derrubar tudo aquilo ali (indicando o pé de laranja lima).

TEMPO. ZEZÉ CAI EM SI. NUM GRITO DE PAVOR, ESTENDE OS BRAÇOS E CAI DE JOELHOS. TOTOCA SAI.

Zezé — Não! Ninguém vai cortar o meu pé de Laranja Lima!

SOA FORTE O APITO DO TREM DE FERRO. BLACK OUT. OUVES-SE VOZES.

Voices — (Off) Pegou o carro? O carrão. Aquele bonito do seu Manuel Valadares. O que foi? O Mangaratiba pegou o carro de Português na passagem da rua da China. O trem esmigalhou o carro. Tem gente à beça. Chamaram até o corpo de bombeiros de Realengo. Não sei se morreu. Não deixavam criança chegar perto.

Zezé — Não! Não!

ABRE LUZ. EM CENA: TOTOCA, JANDIRA, GLÓRIA E ZEZÉ.

Totoca — O que é que você tem, Zezé? Fale comigo.

Glória — (Segurando Zezé) Você está ardendo em febre. Venha comigo, vamos para dentro. Eu ajudo você ir devagarinho.

Zezé — Deixe, Godóia, eu não vou mais prá lá.

Glória — Vai, sim. É a nossa casa.

Zezé — Eu não tenho mais nada lá. Tudo acabou.

Jandira — Que isso, Zezé?

Glória — Jandira, Zezé está muito doente.

Jandira — Deve ser fita de novo. Umas boas chineladas...

Totoca — Não, Jandira. Dessa vez ele está muito doente e vai morrer.

CARREGAM ZEZÉ PARA FORA DO PALCO. ENTRA MÚSICA “MARINHEIRO, MARINHEIRO”, USADA NO INÍCIO DO ESPETÁCULO. TODO O ELENCO ENTRA, CANTANDO E RETIRANDO TUDO QUE ESTIVER NO PALCO, DEIXANDO-O COMPLETAMENTE VAZIO. AO FUNDO, VOZES.

Totoca — (Off) Foi mentira, Zezé. Fui tudo maldade. Não vão aumentar a rua nem nada...

Zezé — (Off, narrando) Eu não podia deixar de pensar no Portuga. Agora sabia mesmo o que era dor. Dor não era apanhar de desmaiar. Não era cortar o pé com caco de vidro. Dor era aquilo, que doía o coração todinho, que a gente tinha que morrer com ela, sem poder contar para ninguém o segredo.

Voz masculina — (Off) Foi um choque. Um trauma muito forte.

Voz feminina — (Off) Desde que ele soube que iam cortar o pé de Laranja Lima ficou assim.

Menino — (Off) O filho do seu Paulo está morrendo...

Ariovaldo — (Off) Meu santinho não pode morrer, não. Não deixe, dona. Se assucedde qualquer coisa com ele, nunca mais venho nesse subúrbio desgraçado. Espie, Zezé. Você precisa ficar bom e ir cantar mais eu. Todo mundo pergunta. Ei, Ariovaldo, cadê o teu canarinho?

Glória — (Off) Olha, Zezé, aqui a pouco você vai estar soltando papagaio, ganhando rios de bolas de gude, subindo nas árvores, montando no Minguinho. Você viu como a rua está triste? Todo mundo sente falta de sua vida e da sua alegria na rua... Mas você tem que ajudar. Viver.

Zezé - (Off) Sabe, Glória, eu não quero mais. Se eu ficar bom, vou ser ruim de novo. Você não entende. Eu não tenho mais para quem ficar bonzinho.

Glória — (Off) Toma essa canja, Gum.

Português — (Off) Queres tomar café?

Zezé (off) — Então porque você não vai lá em casa e pede para papai me dar para você?

Voz do pé de Laranja Lima — (Off) Tenho uma surpresa para você. Estou com as esporas do Tom Mix. O cinturão e as botas de Richard Talmadge. Ainda por cima o seu Ariovaldo me emprestou a camisa de xadrezinho que você tanto gosta.

Zezé - (Off) Nunca vi coisa mais bonita, Minguinho. Como você conseguiu juntar tudo?

Voz do pé de Laranja Lima — (Off) Bastou eles saberem que você estava doente e me emprestaram.

Zezé — (Off) Que pena que você não possa ficar sempre assim. (Apito do trem de ferro).

Você ouviu, Minguinho?

Voz do pé de Laranja Lima (off) — É o apito de trem ao longe.

Zezé — (Off) É ele, Minguinho. O Mangaratiba. O assassino! (Barulho das rodas do trem de ferro sobre o trilho cresce). Sobe aqui, Minguinho! Me dá a mão! Ele quer matar você. Ele quer esmagar você. Como fez com o Portuga! Quer cortar você em pedaços! (Novo apito, mais forte). Assassino! Assassino!

VOZES QUE REPETEM, RITMICAMENTE, O SOM DO TREM DE FERRO:

Vozes — (Off) Eu não sou culpado... Eu não sou culpado... Eu não sou culpado... Eu não sou culpado...

OUTRO APITO, ENSURDECEDOR. TODOS OS SONS SE MISTURAM. O PALCO ESTÁ VAZIO. REPENTINAMENTE TODO O SOM ESTACA. ZEZÉ ENTRA, TRISTE. GLÓRIA APARECE COM UMA FLORZINHA BRANCA NA MÃO.

Glória — Olha, Zezé. A primeira flor de Minguinho. Logo ele vira uma laranjeira adulta e começa a dar laranjas.

ZEZÉ SENTA-SE, CABISBAIXO, NO CENTRO DO PALCO COM A FLORZINHA NA MÃO. POUCO A POUCO OS PERSONAGENS ENTRAM E FICAM EM VOLTA DE ZEZÉ.

Luís — Zezé, você quer brincar comigo?

Zezé — Sabe, Luís, Zezé está muito fraco. Amanhã a gente brinca.

Mãe — Tudo passou, meu filho. Tudo. Você um dia vai ser pai e vai também descobrir como são difíceis certos momentos na vida de um homem.

Jandira — Papai foi nomeado para a fábrica de Santo Aleixo. Nunca mais vai faltar nada nos seus sapatinhos de natal.

Totoca — Nós vamos ter uma casa muito grande. Árvores grandes e tantas, que serão só suas.

Pai — Depois tem mais. Tão cedo não vão cortar o seu pé de Laranja Lima. Quando cortarem você estará longe e nem sentirá.

ZEZÉ LEVANTA O ROSTO.

Zezé — Já cortaram, papai. Faz algum tempo que cortaram o meu pé de Laranja Lima...

**SAI. DEIXANDO NO CHÃO A FLORZINHA BRANCA. OS OUTROS
PERMANECEM. MÚSICA EXPLODE. ELENCO SAI. FOCO FECHADO NA
FLORZINHA BRANCA JOGADA NO CHÃO.**

FIM

Belo Horizonte, 29 de abril de 2002.